LA DES COMM UNAL

REVISTA IBEROAMERICANA DE PATRIMONIO Y COMUNIDAD

ISSN 2444-0205



MONOGRÄFIK TRECE/AÑO12/SEP2026

ACTAS

SOPA24

XII CONGRESO INTERNACIONAL DE SOCIALIZACIÓN DEL PATRIMONIO EN EL MEDIO RURAL

Os Blancos_Baltar_Muiños_Calvos de Randín

PROVINCIA DE OURENSE/GALICIA_ESPAÑA

science commons

CC BY

LAUNDERGROUNDCOLECTIVA

LA DESCOMMUNAL

REVISTA IBEROAMERICANA DE PATRIMONIO Y COMUNIDAD

CRÉDITOS

EQUIPO EDITORIAL

SabahWalid_correcciones+maquetación
JuanjoPulido_diseño+comunicación

EDITA

La DESCOMMUNAL

ISSN: 2444-0205

San Salvador, 10 6ºA
06800 Mérida (Badajoz)
ESPAÑA
www.ladescommunal.org
info@laundergroundcolectiva.org

Septiembre de 2026

La DESCOMMUNAL, Revista Iberoamericana de Patrimonio y Comunidad es una publicación independiente, promovida por mentes inquietas y comprometidas con un patrimonio, un territorio y una comunidad.

Se permite cualquier explotación de la obra, incluyendo una finalidad comercial, así como la creación de obras derivadas, la distribución de las cuales también está permitida sin ninguna restricción. Es decir, todos los artículos están a tu disposición para leerlos, compartirlos y utilizarlos en tus publicaciones y proyectos, pero acuérdate de mencionar su origen y sus autores. Gracias!!

ES UNA PUBLICACIÓN DE

LAUNDERGROUNDCOLECTIVA
www.laundergroundcolectiva.org

ÍNDICE

LA DESCOMMUNAL
REVISTA IBEROAMERICANA DE PATRIMONIO Y COMUNIDAD
MONOGRÄFIK TRECE/AÑO12/SEP2026
ACTAS SOPA24 XII CONGRESO INTERNACIONAL DE SOCIALIZACIÓN DEL PATRIMONIO EN EL MEDIO RURAL
Os Blancos_Baltar_Muiños_Calvos de Randín
PROVINCIA DE OURENSE/GALICIA_ESPAÑA

EDITORIAL

Sabah Walid [*Directora del SOPA*]/ESPAÑA_pp03-04

SEMINARIO
EL SABER MAYOR, EL MAYOR SABER

01_Dibujando memorias: entre relatogramas, memogramas y yayos
Adela Vázquez Veiga + Carla Boserman Romero +Claudia Delso _*Universidade de Vigo + Universidad Complutense de Madrid + Institut de Recerca Urbana de Barcelona, IDRA*/ESPAÑA_pp05-15

02_Mulheres Rurais - a força da Terra
Helena Antunes + Beatriz Rodrigues + Mariana Batista _*A Geradora – Cooperativa Integral* /PORTUGAL_pp16-22

03_Hablando en plata. Vida saludable a partir de los 60
Norma Angélica Juárez Salomo _*Universidad Autónoma del Estado de Morelos*/MÉXICO_pp23-30

04_Las vidas longevas y los museos locales
Fátima Braña Rey_*Universidade de Vigo* /ESPAÑA_pp31-35

05_La voz de la experiencia
Patricia Martín Rodríguez + Andrea Alías + Marian Berihuete + Juan Francisco Gibaja + Josep Maria Vergès + Chiara Messana_*Institut Català de Paleoecologia Humana i Evolució Social (IPHES-CERCA) + Universitat Autònoma de Barcelona*/ESPAÑA_pp36-45

SESIÓN TEÓRICA

06_La Escalera de Participación de Arnstein: un diagnóstico para el mundo cultural
Marta Pascual-Marzo_*Universidad de Alcalá*/ESPAÑA _pp46-58

07_GUARDIANES DEL SABER: La tapia pisada como legado de nuestras raíces
Claudia Mónica Castro Martínez + María Olga Largacha Martínez_*Universidad La Gran Colombia* /COLOMBIA _pp59-65

08_Entroido, patrimonio y comunidad: estudio descriptivo del ritual festivo como elemento de interacción social
Jackeline Elizabeth Fernández Macías + Fátima Braña Rey+ Lorena Rodríguez Campo _*Universidade de Vigo*/ESPAÑA _pp66-83

09_La mi agüela, Margarita. Un allegamientu alas lenguas agüelas comu resistencia al olvíu dela huía roal
Roberto Herrero García/ESPAÑA_pp-84-88

10_Unha auto-etnografía fotográfica de mulleres caboverdianas: narrativas migratorias a través de dúas exposicións colectivas en Bembibre e Burela
Iria Vázquez Silva + Sarah Lamas_*Mulleres á Fronte*/ESPAÑA_pp89-94

11_Rastrexando as Competencias de Capital a través das Infraestruturas Espaciais, Contaminación do Aire e Radiación Nocturna no Noroeste da Reserva da Biosfera Transfronteiriza Gerês-Xurés
Raimundo Elías Gómez + Maria Gabriela Miño_*Instituto de Socioloxía da Universidade do Porto + Consello Nacional de Investigacións Científicas e Técnicas* /PORTUGAL-ARGENTINA_pp95-105

12_Menores en Riesgo de Exclusión y los Museos como Instituciones de Educación no Formal
Melina Ameneiro Hermida + Fátima Braña Rey_*Universidade de Vigo*/ESPAÑA _pp106-110

SESIÓN PROYECTOS

13_Creciendo Juntos. La comunidad educativa del Cerro de los Infantes y su rol en la infancia
Laura Reina Alonso + Olga Leyva Gutiérrez + Begoña Serrano Arnáez + Andrés Mª Adroher Auroux + Mª Luisa Hernández Ríos_*Universidad de Granada*/**ESPAÑA**_pp111-125

14_Laboratorio Ecosocial do Barbanza: un laboratorio vivo para a xestión multifuncional e a custodia colectiva do territorio
David Fontán Bestilleiro + Roque Sanfiz Arias _*Histagra-CISPAC, Universidade de Santiago de Compostela*/**ESPAÑA**_pp126-135

15_Identidad compartida. El "Limón" como manifestación cultural inmaterial de la identidad serrana
Igor Martín Curto/**ESPAÑA**_pp136-150

16_VIEJA Y YERMA COMO MI VIÑA
Lucía Álvarez-Borrajo_*Facultad de Bellas Artes. Universidad de Sevilla*/**ESPAÑA**_pp151-158

17_OS ANDARES. Unha serie de viaxes sonoras polos Ancares Lucenses
Iria Acevedo + Jose Díaz + Marcos PTT_*Fósforo Arte & Cultura + Galiza Emocional*/**GALIZA**_pp159-170

18_Apropriação, Arte, Criatividade. Do Projeto Arqueológico do Outeiro do Circo (Beja, Portugal) para a(s) comunidade(s)
Miguel Serra + Eduardo Porfírio_*Câmara Municipal de Serpa + Câmara Municipal de Sintra + Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património* /**PORTUGAL** _pp171-185

19_Escuchando las voces de la memoria: Bibliotecas Humanas en Asturias
Paloma Sánchez-Broch + Sofía Nevado Domínguez + Jean-François Alberghi + Marta Fernández Villar _*Universidad de Oviedo + La Ponte Centro de Investigación y Ecomuseo + Filopueblos*/**ESPAÑA** _pp186-207

20_Memoria Viva Tununguá
Sandra Patricia Pachón Monsalve/**COLOMBIA**_pp208-215

MONOGRÄFIK TRECE/AÑO12/SEP2026
02 ACTAS SOPA24 XII CONGRESO INTERNACIONAL DE SOCIALIZACIÓN DEL PATRIMONIO EN EL MEDIO RURAL
Os Blancos_Baltar_Muiños_Calvos de Randín
PROVINCIA DE OURENSE/GALICIA_ESPAÑA
LA DES COMM UNAL
REVISTA IBEROAMERICANA DE PATRIMONIO Y COMUNIDAD



SEMINARIO
EL SABER MAYOR, EL MAYOR SABER

Mulheres Rurais - a força da Terra

Helena Antunes + Beatriz Rodrigues + Mariana Batista _
A Geradora – Cooperativa Integral/PORTUGAL

helena_antunes@usal.es

resumo

O projeto 'Mulheres Rurais – a força da Terra' está a ser implementado pel'A Geradora – Cooperativa Integral nos concelhos de Trancoso, Pinhel, Celorico da Beira e Sabugal, de abril de 2024 a setembro de 2025, através de financiamento da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Este projeto está a recolher histórias de vida de mulheres rurais, transformando-as também em arte através do desenho, com o intuito de editar um livro, além de fornecer acompanhamento psicológico ambulante nas aldeias. Com isto, visamos enaltecer a vida no campo, dar voz às mulheres, combater os estereótipos e as desigualdades e contribuir para comunidades rurais sustentáveis e saudáveis e territórios mais desenvolvidos.

#Mulheres rurais, #Histórias de vida,
#Artes Plásticas, #Psicologia ambulante

introdução

Portugal tem sido considerado um país cuja legislação parece demonstrar a vontade e ação do Estado na promoção da igualdade entre os sexos (MONTEIRO, 2011 e DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2018). Contudo, no terreno verificam-se frequentemente falhas múltiplas na implementação destas políticas, quer na esfera privada quer na esfera pública (SOUSA, GONZALEZ e MENDONÇA, 2022), e em meios rurais essas falhas são ainda mais notórias.

Nos territórios rurais, mulheres que trabalham fora de casa, asseguram parte importante (ou a totalidade) do trabalho agrícola familiar, essencial para a economia familiar, mas cuja invisibilidade não permite o reconhecimento e valorização deste seu trabalho não remunerado. Além disso, o trabalho realizado em momentos e dias de descanso, sejam tarefas remuneradas, trabalho na exploração ou tarefas domésticas, é maioritariamente realizado por mulheres (O'NEILL, 1984; WHATMORE, 1991; BRANDTH, 2002; SILVA, JORGE e QUEIROZ, 2012; SHORTALL, MCKEE e SUTHERLAND, 2019).

As mulheres quando trabalham fora de casa, frequentemente têm trabalhos menos valorizados e pior remunerados que os homens. O apoio a dependentes é prestado por mulheres que usualmente faltam ao trabalho para ir à Escola, Hospital, etc. Nos trabalhos agrícolas continuam a existir casos de trabalhos iguais e salários diferentes (COCAUD e SAINCLIVIER, 2007; AMARO, 2014; GOMES *et al*, 2022), situações que originam reformas mais precárias e maior suscetibilidade à pobreza.

As mulheres rurais têm pouco tempo livre e raramente têm momentos de fruição em comunidade (MAYA FRADES, 2004). Participam em espaços culturais/comunitários esporadicamente embora, quando existem, esses espaços sejam dominados por homens (GODINHO, 2016).

No território rural da Beira Interior (Portugal), ainda se sentem intensamente, no dia-a-dia, as desigualdades e o peso dos estereótipos nos modos de vida entre mulheres e homens. Neste projeto pretendemos dar visibilidade às mulheres que aqui vivem, as grandes resistentes ao despovoamento das aldeias pela sua multifuncionalidade no território. Desta forma, queremos colocar em destaque a pluralidade de vozes de mulheres que fazem o seu dia-a-dia no meio rural, algumas que nunca daqui saíram, umas que saíram e voltaram e outras que, não sendo daqui, é aqui que sonham continuar a viver.

Ao mesmo tempo, as comunidades rurais têm sido frequentemente esquecidas quando se trata do acesso a serviços no geral e em particular a serviços de saúde mental, deixando as mulheres em situações ainda mais vulneráveis de isolamento. As mulheres que vivem em áreas rurais enfrentam, frequentemente, problemas específicos, como invisibilidade, isolamento, conservadorismo, misoginia, violência doméstica, falta de reconhecimento profissional. Neste contexto, torna-se essencial levar o acompanhamento psicológico diretamente à comunidade, através de um serviço ambulante que permita alcançar as mulheres onde elas estão.

Ao possibilitarmos um serviço de acompanhamento psicológico ambulante, estamos a superar as barreiras de mobilidade e socioeconómicas que as impedem de ter acesso aos serviços de saúde mental. Estamos a levar a ajuda até elas, nas suas próprias aldeias, tal como ainda lhes chega o pão, a mercearia, o peixe -serviços alimentares considerados essenciais à vida-, assim como a saúde psicológica o deveria ser. O objetivo principal é o de promover um espaço seguro, confidencial e acolhedor para que as pessoas possam expressar as suas experiências, partilhar as suas preocupações e encontrar recursos internos para lidar com os desafios que enfrentam diariamente. Com isso, esperamos alcançar um maior número de mulheres, oferecendo-lhes a possibilidade de se empoderarem e desenvolverem relacionamentos saudáveis consigo próprias e com os outros. Ou seja, acompanhamento psicológico ambulante visa o fortalecimento da resiliência e da autoestima feminina, contribuindo para a qualidade de vida da comunidade, promovendo a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Por isso, não se trata de fornecer apenas suporte psicológico, mas também de criar uma rede de apoio comunitário, mobilizando recursos locais e capacitando as mulheres para se tornarem agentes de mudança nas suas próprias vidas e nas vidas daqueles ao seu redor.

> "Mulheres invisíveis à sombra do irmão. À sombra e ao serviço do irmão, do padre, do marido, e até mesmo dos filhos. […] esta é a história do nosso país [Espanha] e tantos outros: mulheres que ficam à sombra e sem voz. […] Porque não são elas que escrevem sobre o nosso meio rural? Como devolver-lhes a voz e a palavra que sempre tiveram, mas que não foi escutada nem tida em conta?"
> (SÁNCHEZ, 2019).

O que pretendemos com este projeto é devolver a palavra às mulheres rurais, garantir que as suas vozes são ouvidas, promovendo relações saudáveis e igualitárias. E isso está a ser possível através do financiamento da CIG–Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. A CIG foi ao longo dos anos uma portadora decisiva das reivindicações feministas perante o Estado, funcionando como um núcleo feminista no Estado, aliada dos movimentos de mulheres portuguesas, alavancado as questões das mulheres e das políticas de igualdade de género, ainda que com um sucesso bastante limitado e condicionado, no que MONTEIRO (2011) designou de "hiato entre o possível e o real". Portanto, é sempre possível fazer mais pela igualdade e o desenho, a implementação e avaliação de projetos comunitários participativos direcionados para os territórios rurais são essenciais para alcançarmos o desenvolvimento sustentável.

metodologia

O método de história de vida está inserido na metodologia qualitativa biográfica na qual a antropóloga escuta, por meio de entrevistas semiestruturadas e gravadas, o relato da história de vida de alguém que a ela se comunica. O posicionamento e enquadramento da entrevista é discutido com todas, de forma a permitir que a artista reúna as melhores condições possíveis na realização de uma aguarela in loco, trabalho esse a ser complementado posteriormente, agregando mais pinturas tendo em conta o que é partilhado e considerado mais relevante. A seguir todo o material é transcrito e discutido entre a mulher rural, a antropóloga e a artista plástica, que, a partir de aqui, farão uma imersão analítica para identificar as questões a serem editadas em livro (NOGUEIRA *et al*, 2017).

A produção de uma história traz à luz os que foram silenciados, os que tiveram a sua versão da história sufocada pela historiografia oficial: as mulheres, os operários, os negros, os homossexuais. Na história de vida o foco volta-se para a micro-história, o quotidiano e as dinâmicas locais; encontramos uma perspetiva que valoriza os percursos individuais e a subjetividade (BRAGANÇA, 2012). Destacam-se como características essenciais no uso desta metodologia as possibilidades de retratar a cultura, testemunhar o impacto das mudanças sociais sobre as pessoas, mostrar determinadas dimensões de uma cultura, ilustrar aspetos teóricos e comunicar dimensões ocultas nos processos cognitivos (MUÑOZ, 1992): é um método através do qual se chega à consciencialização popular.

Há autores que argumentam que este método tem também um caráter terapêutico, ao ter uma dimensão interventiva, inscrita na escuta oferecida pela investigadora e no facto de que quem conta a história está a recriá-la, está a produzir uma leitura sobre as experiências vividas, a produzir ressignificações e a originar uma escrita (NOGUEIRA *et al*, 2017).

Nas histórias de vida das mulheres rurais inserem-se as dimensões: familiar, educacional, comunitária, profissional, ambiental e histórica através da memória. Através do desenho estamos a captar essas dimensões, para depois mostrá-las em livro que será apresentado no território com rodas de conversa onde todos e todas serão convidados a intervir para que se fomentem debates para um território menos desigual e mais inclusivo.

resultados

O projeto ainda está em execução, iniciou em abril de 2024 e terminará em setembro de 2025.
Quanto ao acompanhamento psicológico, foram feitos, até ao momento, 38 atendimentos, em 5 aldeias nos concelhos de Trancoso, Celorico da Beira e Pinhel, dos quais 25 a mulheres e 13 a homens, com idades compreendidas entre os 9 e os 91 anos de idade (média de idades 65,7 anos).

Recolhemos, até ao momento, 6 histórias de vida, junto de mulheres que residem nos concelhos de Trancoso, Celorico da Beira e Pinhel com idades compreendidas entre os 48 e os 62 anos. Estas mulheres exercem profissões distintas tais como: agricultora, herborista e naturopata, empregada a dias, militar da GNR, auxiliar em lar de idosos e professora do ensino básico e secundário.

Podemos constatar o que vários autores afirmam sobre a desigualdade salarial no campo:

> Ganhamos lá agora o mesmo? Não! As mulheres fazendo o mesmo trabalho dos homens, para mim, havia de ser igual para igual. Só que, entretanto, os homens não consentem isso. Têm que ganhar sempre 10 euros a mais do que nós. Nós, 10€ a menos por dia, é muito dinheiro no fim do mês!" (agricultora, 61 anos).

Assim como situações, passadas e presentes, de vários tipos de violência contra as mulheres.

> É uma história muito complicada eu sofri de violência doméstica, eu e a minha filha. Eu já sofria de violência doméstica antes de casar, durante a gravidez e depois piorou. Eu estive à beira da morte muitas vezes. Os tribunais diziam 'é pai, ela é mãe, tem os dois direitos' (auxiliar de lar de idosos, 48 anos).
>
> Ele batia-me, era muito mau para mim. Tinha ciúmes dos patrões, de irmãos, de sobrinhos, até da minha própria filha. Chegou a apertar-me três vezes o pescoço para me matar, eu a dormir. Tanto era com álcool e sem álcool. Era doente, eram ciúmes demais. E eu fui-me embora, abandonei-o, mas depois chegavam ao pé de mim e diziam "ele jura que nunca mais te bate", e então voltei a aceita-lo (mulher a dias, 61 anos).

Violência na escola e no namoro:

> Lembro-me de os rapazes serem extremamente maus e agressivos com as meninas. Era o 'eu quero, posso e mando' (em 1994). Esse poder do rapaz 'tu tens que fazer isto, tu tens que fazer aquilo', e essa violência ainda continua contra as raparigas, porque elas também se calam. Sim, continua. Nós mulheres e vós raparigas, abram os olhos! (professora básico e secundário, 62 anos).

Percecionamos como o cuidado da casa, da alimentação, da higiene continua a sobrecarregar as mulheres, mesmo que jovens:

> "É muito raro que um homem, dos que aqui temos recebido, que naturalmente ajude na cozinha, limpe, prepare, e são jovens que foram educados muitas vezes em cidades, com educação universitária. Fomos falar com as meninas e elas dizem que também não compreendem e pensamos que há um tipo de educação que mesmo que os pais não queiram dar, o fazem de forma inconsciente, como fez a minha mãe com o meu irmão. Está-se a reproduzir os estereótipos sem se dar conta" (herborista e naturopata, 52 anos).

Evidenciamos que a vida das mulheres continua a ser escrutinada, comentada, julgada, restinguindo-lhe a liberdade de ser:

> "Acho que nunca tive uma tão boa vida! Era livre, podia fazer o que queria, podia ir para onde queria, ninguém reparava às horas que chegava, não tinha que dar satisfações a ninguém. É uma maravilha, não é? Ser livre" (militar GNR, 49 anos).

Com isto, constatamos que uma mudança efetiva nas práticas quotidianas estabelecidas na forma como se olha para as mulheres, e os homens, em meio rural é de máxima urgência e importância de forma a se possa alcançar o desenvolvimento social, económico e ambiental dos territórios rurais.

As políticas públicas do Estado central são fundamentais para combater a desigualdade de género em meio rural, mas o apoio a Organizações Não Governamentais de Mulheres e a projetos comunitários desenvolvidos por entidades locais com e para as pessoas do território são de igual importância para uma maior consciencialização popular.

Acreditamos que o acompanhamento psicológico ambulante está a representar uma oportunidade para ampliar o acesso à saúde mental na comunidade rural, contribuindo para a eliminação da violência de género e a promoção de relações saudáveis e igualitárias.

A riqueza dos testemunhos das vozes femininas que estamos a recolher em prosa está a transformar-se em arte, para assim poder elucidar a comunidade rural sobre a importância da igualdade entre mulheres e homens na Terra, criando comunidades rurais mais saudáveis, igualitárias, harmoniosas, empáticas e desenvolvidas.

Portanto, são necessários mais projetos como este, projetos que possam reconhecer o papel fundamental que as mulheres rurais detém na construção de territórios resilientes e sociedades democráticas, projetos que transportem as leis para o glocal, para que nas comunidades se possa promover diálogos para a construção de dinâmicas mais justas e sustentáveis.

Especial agradecimento às entidades que têm colaborado connoscoaté ao momento: Os Carnicenses – Associação para o Desenvolvimento Social e Cultural, Junta de Freguesia de Vilares e Carnicães, ACURVIL, Junta de Freguesia de Alverca da Beira e Bouça Cova, Junta de Freguesia de Maçal do Chão, Junta de Freguesia do Baraçal, Liga dos Amigos do Baraçal, Município de Trancoso, Município de Pinhel, Município de Celorico da Beira.

referencias bibliográficas

AMARO, R. R. (2014)
As questões de género na economia solidária e os desafios da economia feminista, em R*evista Economia Solidária* 7. Ponta Delgada. ACEESA.

BRAGANÇA, I. F. S. (2012)
História de vida nas ciências humanas e sociais: caminhos, definições e interfaces, em *Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal. Rio de Janeiro*. EDUERJ:37-57.
https://books.scielo.org/id/f6qxr/pdf/braganca-9788575114698-04.pdf

BRANDTH, B. (2002)
Gender identity in European family farming: A literature review. Sociol, em *Ruralis* 42:181–200.

COCAUD, M.; SAINCLIVIER, J. (2007)
Femmes et engagement dans le monde rural (19-20e siècles): jalons pour une histoire, em *Ruralia-Sciences sociales et mondes ruraux contemporains*, 21.

DIÁRIO DA REPÚBLICA (2018)
Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018, de 21 de maio.

FRADES MAYA, V. (2004)
Ocio y tiempo libre de la mujer rural. Turismo, ocio y deporte, em VIII *Congreso de Sociología*.

GODINHO, R. M. C. (2016)
Cultura e Artes no Território Rural Português: Movimentos para a Construção de uma Sinfonia in Agricultura, em *Floresta e Desenvolvimento Rural*, (coord) A. Oliveira das Neves. Edição IESE-Instituto de Estudos Sociais e Económicos. Lisboa.

GOMES. D.; JESUS, M.; ROSA, R.M.; BANDEIRA, C.; COSTA C. A. (2022)
Women in family farming: Evidence from a qualitative study in two Portuguese inner regions, em *Frontiers Social*.

MONTEIRO, R. (2011)
Feminismo de estado em Portugal: mecanismos, estratégias, políticas e metamorfoses. Tese de doutoramento em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

MUÑOZ, J. J. P. (1992)
El método biográfico: el uso de las historias de vida en ciencias sociales. CIS–Centro de Investigaciones Sociológicas.
https://www.uv.mx/mie/files/2012/10/MetodoBiografico.pdf

NOGUEIRA, M. L. M.; BARROS, V. A.; ARAUJO, A. D. G.; PIMENTA, D. A. O. (2017)
O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração, em *Pesqui. prát. psicossociais* vol.12 no.2 São João del-Rei abr./jun.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016

O'NEILL, B. (1984)
Proprietários, Lavradores e Jornaleiras: Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978. D.Quixote. Lisboa.

SÁNCHEZ, M. (2019)
Tierra de mujeres–Una mirada íntima y familiar al mundo rural. Editorial Planeta. Barcelona.

SILVA, M. C.; JORGE, A. R.; QUEIROZ, A. (2012)
Divisão sexual do trabalho doméstico: entre representações e práticas, em *Configurações*, (9):135–159.
https://journals.openedition.org/configuracoes/1158

SHORTALL, S.; MCKEE, A.,; SUTHERLAND, L. (2019)
The Performance of Occupational Closure: The Case of Agriculture and Gender, em *Sociologia Ruralis*, 60(1): 40–57.

SOUSA, N.; GONZALEZ, L. O.; MENDONÇA, V. (2022)
Gender (In)Equality in Local Employment: A Perpective of Municipal Executives, em *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, nº61:121-134.

WHATMORE, S. (1991)
Farming Women: Gender, Work and Family Enterprise. Palgrave Macmillan.

LAUNDERGROUNDCOLECTIVA

LA DESCOMMUNAL

REVISTA IBEROAMERICANA DE PATRIMONIO Y COMUNIDAD



MUCHAS GRACIAS POR TU LECTURA. TE ESPERAMOS EN EL PRÓXIMO NÚMERO

MONOGRÄFIK TRECE/AÑO12/SEP2026

ACTAS SOPA24 XII CONGRESO INTERNACIONAL DE SOCIALIZACIÓN DEL PATRIMONIO EN EL MEDIO RURAL

Os Blancos_Baltar_Muiños_Calvos de Randín

PROVINCIA DE OURENSE/GALICIA_ESPAÑA

science commons

CC BY